

SEXUALIDADE, TABUS E PRECONCEITOS NA CONCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES

Simone Casemiro Weisheimer*
Elizabeth Maria Lazzarotto**
Rosana Kátia Nazzari***
Rute Baquero****

Resumo: Tabus e preconceitos sexuais permeiam séculos e podem acarretar problemas que, muitas vezes, não ocorreriam se a sexualidade fosse esclarecida de forma clara e verdadeira. O objetivo foi identificar concepções sobre a sexualidade e as representações dos tabus e preconceitos sexuais dos alunos do 2º ano do curso de Ciências Biológicas de uma Universidade Privada. Os resultados apontaram que a maioria, não vivem com suas famílias, embora sejam sustentados pelos pais, pois apenas estudam. Muitos acadêmicos ainda não sabem definir a sexualidade e alguns ainda possuem tabus e preconceitos sexuais. Uma grande parcela dos pesquisados não utiliza métodos contraceptivos. Com os resultados obtidos foi possível concluir que alguns tabus e preconceitos ainda permeiam o conhecimento dos jovens, mesmo na universidade, sobre a sexualidade. Assim, orientar sexualmente os adolescentes de forma clara e verídica é a melhor opção para que tabus e preconceitos não sejam mais adotados na sexualidade.

Palavras Chave: Adolescentes; Orientação; Sexuais.

Abstract: Taboos and biases sexual was a centuries and can carry annoyances than it is to , a number of times , did not become of in case that the one sexuality he might go justify as of he forms clear and do you really mean it. This study detects conceptions above the sexuality and the representations of the taboos and biases sexual of the pupils from the 2º year from the drift as of Expertise Biologic from a College Private. The results aim at than it is to most, did not they live along your families, although they are fostered by the parents, on this account merely they study. A great many academic's do not yet they know set out the one sexuality and a few still has taboos and biases sexual. A ample plot of the bowfin does not use expedients contraceptives. With the effects obtained he went feasible

bring to an end which some taboos and biases still knowledge of the young people, even at the university of, above the sexuality. As soon, guide sexually the adolescents as of he forms clear and veridical is finest choice for it to taboos and biases did not they may be more dotards at the sexuality.

Key Words: Teenagers; Guide; Sexual.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma questão complexa e que atinge todas as classes sociais brasileiras, pois a falta de conhecimento e a falta de informação sobre a sexualidade humana são passadas de geração a geração, prejudicando o adolescente ao passar por esta fase da sua vida (COSTA, 1986).

A orientação sexual na escola deve ser compreendida como um processo de interferência pedagógica com o objetivo de transmitir, informar e problematizar questões sobre a sexualidade, levando em conta os mitos e tabus, crenças e valores ligados ao tema, visando propiciar aos jovens e adolescentes as possíveis formas de exercer sua sexualidade de forma responsável e prazerosa (MEC, 2001).

Ribeiro (1996) ressalta ainda que a incerteza, a desinformação sobre o sexo e a falta de esclarecimento por parte dos pais são fatores que dificultam a vida dos adolescentes, fazendo com que fiquem inseguros. A falta de informações adequadas e a ignorância a respeito da sexualidade proporcionam o fortalecimento dos mitos, que prevalecem até hoje, interferindo na sexualidade humana (CARDOSO, 2005).

A maioria destes adolescentes chega à vida adulta embargados de frustrações e idéias erradas sobre o sexo, sendo prejudicial ao desenvolvimento de sua sexualidade. Como são raros os pais que conversam sobre sexualidade com seus filhos, os adolescentes se distanciam da figura paterna e tentam esclarecer suas dúvidas com seus colegas, recebendo, geralmente, informações inadequadas e/ou erradas sobre a sexualidade, o que enraíza cada vez mais alguns mitos e credences (COSTA, 1986).

A justificativa deste trabalho deve-se ao fato de que a sexualidade, embora seja assunto de vários livros, ainda é uma temática que ainda embarga alguns conceitos e crenças erradas ou inadequadas entre os adolescentes e adultos. Assim, este trabalho possibilita identificar alguns conceitos entre os acadêmicos do 2º ano do curso de Ciências Biológicas e avaliar como alguns costumes e crenças estão ainda enraizados no cotidiano atual destes jovens.

Objetivo geral do estudo foi identificar os tabus e preconceitos sexuais dos alunos do 2º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Oeste do Paraná - Extensão de Santa Helena.

2 ADOLESCÊNCIA

A palavra *adolescere*, para Tiba (1986, p. 37) “[...] vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade [...]. Esta é uma das etapas em que o ser humano sofre as maiores modificações no seu processo vital, do nascimento à morte”.

Embora a adolescência tenha sido reconhecida e estudada como um período específico no desenvolvimento humano somente no século XX, desde a antiguidade greco-romana e egípcia encontram-se referências sobre este período, pois filósofos gregos ressaltavam a turbulência e a impulsividade da juventude com características muito semelhantes aos dos adolescentes de hoje (CHIPKEVITCH, 1995). A adolescência é, então, uma fase evolutiva peculiar. Para compreendê-la, o estudo deve abranger os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais indissociavelmente, porque é nela em que ocorre a aquisição da imagem corporal definitiva, bem como a estruturação concreta da personalidade (OSÓRIO, 1992).

As mudanças repentinas no corpo começam geralmente aos 12 anos, mas para algumas pessoas podem ocorrer mais precocemente ou mais tardiamente, sendo que para as meninas começam mais cedo do que para os meninos, mas todos são normais, diz Suplicy (1998). Também acrescenta que ninguém sabe ao certo porque uns iniciam esta fase mais cedo que outros, mas que provavelmente tenha a ver com a alimentação, clima e hereditariedade, pois se as outras pessoas da família iniciaram esta fase cedo, é muito provável que o indivíduo considerado também sofra cedo as transformações da adolescência.

Nesta fase, o próprio crescimento físico traz perturbações à auto-estima, visto que alguns adolescentes crescem mais que outros, e isso pode ocasionar dificuldades sociais, pois não são mais igualmente capazes de competir fisicamente entre si (D’ANDREA, 1997). Afirma, ainda, que estas diferenças ocorrem também no próprio indivíduo, porque seu esqueleto cresce mais rápido que sua musculatura, tornando-o desajeitado e desengonçado, sendo uma fonte de sentimentos de inferioridade e embaraço social.

É normal que os adolescentes se sintam desengonçados nesta fase, pois algumas partes do seu corpo crescem mais rapidamente que outras. Contudo, iniciar a adolescência mais cedo ou mais tarde que outras pessoas da mesma idade ou parecer desengonçado não faz diferença para o funcionamento sexual futuro, somente provoca desconforto e insegurança. Se tais problemas forem superados psicologicamente, não acarretam efeitos futuros (SUPLICY, 1998).

Segundo Aberastury e Knobel (1992), as mudanças psicológicas produzidas neste período com relação às mudanças corporais levam o adolescente a ter uma nova relação com os pais e com a sociedade, pois precisam adquirir ideologias que lhe permitam sua adequação ao mundo. Somente quando o adolescente for capaz de aceitar seus aspectos de criança e adulto é que começa a surgir sua nova identidade.

Esta tentativa de se adequar na sociedade e no mundo, juntamente com a preocupação

com sua mudança corporal, leva o adolescente a tentar corrigir essas mudanças com dietas e exercícios ou, ao contrário, conduz ao isolamento do convívio social, porque o mesmo sente-se atingido em sua auto-estima, visto que sua realidade não condiz com o ideal que faz de si mesmo (D'ANDREA, 1997).

Não somente o adolescente tem dificuldades em aceitar este crescimento, mas os pais também demoram a aceitar estas mudanças corporais e a livre manifestação de personalidade que surge na adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1992).

O adolescente já não quer mais que seus pais interfiram em suas descobertas sexuais, sendo inadequados se insistirem em dar um amor dadivoso para quem não mais quer recebê-lo (TIBA, 2005). O autor afirma ainda que, nesta fase, os pais devem tomar uma nova postura educativa, preparando este adolescente para a vida futura, se abstendo de tomar atitudes por ele, estimulando que o mesmo aprenda a resolver seus problemas.

Essas mudanças bio-psicossociais causam no adolescente uma necessidade de fantasiar vários personagens. Segundo Aberastury e Knobel (1992), isso faz com que se crie versões contraditórias sobre a personalidade, maturidade e comportamento do adolescente. Os autores afirmam ainda que o desprezo do adolescente frente ao adulto é uma forma de defesa, que se manifesta na sua desconfiança, na idéia de não ser compreendido e na sua rejeição da realidade. Com isso, o adolescente pode sofrer crises de suscetibilidade e de ciúmes dos pais, e uma intensa necessidade de independência e de fugir deles, se tornando, então, inevitável o sofrimento, a contradição, a confusão e os transtornos. Estes problemas podem ser minimizados ou suavizados pela mudança das estruturas familiares e sociais.

3 SEXUALIDADE

A sexualidade humana é um fator essencial ao ser humano, que coexiste desde o início da civilização e que depende da estruturação social em que está inserida. Para tanto se faz necessário selecionar valores para delimitar sexualidade e reprodução, baseados no comportamento humano (CARDOSO, 2005). Segundo Boechat e Castro (1999) citados por Cardoso (2005, p. 24), “a sexualidade é o conjunto dos fenômenos da vida sexual. Um conjunto de sentimentos, ligados a sensações e comportamentos que unem as pessoas, envolvendo a emoção, o afeto e a energia”.

O desenvolvimento sexual na adolescência não se restringe apenas ao comportamento sexual, mas também engloba o desejo e, em grande parte, é produto de uma cultura e da sociedade em que vive (CHIPKEVITCH, 1995). Para Suplicy (1998), são inúmeros os fatores que influenciam a maneira de cada um viver sua sexualidade, como exemplo a saúde, a vida mental, cultural e a época histórica vivida nesta fase.

Portanto, a sexualidade não envolve somente o biológico, mas também elementos psicológicos, como desejo e fantasia, sendo moldada pela cultura social em que o indivíduo está

inserido através da moral, dos costumes e da forma como a sexualidade é vista pelo mesmo. Do ponto de vista biológico, a sexualidade é para fins reprodutivos da espécie, e unida ao desejo, à atração e ao prazer, assegura a sobrevivência da espécie, pois o acasalamento pode assumir sentidos diversos, transformando-se em fonte de prazer, bem-estar, comunicação e afeto. (LÓPEZ; FUERTES, 1992).

Para Suplicy (1998), o sexo é uma das formas mais profundas de contato entre duas pessoas, pois através da relação sexual é mudada a natureza de um relacionamento. Além de garantir a reprodução da espécie humana, assim como em outros animais, a relação sexual ainda confere prazer, amor e afetividade. A forma como os pais encaram a sexualidade perante seus filhos, segundo Cardoso (2005), é variável. Podem reprimir o adolescente, e essa repressão autoritária do pai sobre o filho supera o sexual, inibindo o interesse sexual. Daronch (2004) acrescenta que, quando os pais de adolescentes realizam algum tipo de orientação sexual com seus filhos, por mais que tenham as melhores intenções, podem orientá-los de forma inadequada, pois muitas vezes não possuem conhecimentos suficientes sobre o assunto ou não sabem a maneira mais correta de proceder, podendo ocasionar dificuldades momentâneas ou futuras para estes adolescentes.

A maneira como a sexualidade é vista e/ou encarada pode mudar o comportamento humano. Segundo López e Fuertes (1992), a sexualidade se vivida satisfatoriamente auxilia na compreensão dos outros, se tornando também uma fonte de equilíbrio e de harmonia pessoal. Conceitua ainda que afetos relacionados, como desejo, atração e paixão, também influenciam no comportamento sexual, bem como afetos não diretamente relacionados, como raiva, alegria, aborrecimento, entre outros, podem afetar a sexualidade, inibindo ou favorecendo o desejo sexual.

4 TABUS E PRECONCEITOS

Segundo o entendimento de Ferreira (1995, p. 524), o termo tabu, relaciona-se com a “[...] proibição [...] de se relacionarem com pessoas, objetos ou lugares determinados, ou deles se aproximarem, em virtude do caráter supostamente sagrado dessas pessoas, objetos ou lugares, e cuja violação acarreta ao culpado ou a seu grupo o castigo divino”. O autor descreve que tabu tem significado de

[...] proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social. [...] Aquilo cujo uso é proibido. Escrúpulo sem justificativa ou fundamento positivo.

Quanto à crença, Ferreira (1995, p. 186) descreve como “[...] crença popular absurda e ridícula”. Do mesmo modo, Ferreira (1995, p. 524) define preconceito como “conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, idéia preconcebida”. Para o autor, preconceito é também “julgamento ou opinião formada sem levar

em conta o fato que os conteste, prejuízo. Superstição, credence, suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão [...]”.

No entender de McCary (1978), criou-se uma rica cultura a respeito do sexo e a maioria dos adultos, ao atingir à maturidade física, dispõem de um mínimo de conhecimento e de uma grande coleção de informações erradas sobre o volume biológico da sexualidade. Isto se deve, segundo Cardoso (2005), à ausência de conhecimento, bem como da compreensão corrompida das funções e da composição sexual. Tal fato proporcionou um excelente terreno para o nascimento de mitos, muitos dos quais presentes até nossos dias.

A sexualidade humana é um fato complexo, íntimo e pessoal. Panizza (1987) explica que ela envolve, abrange, penetra e dinamiza a pessoa humana como um todo em sua unidade de ser. Do mesmo modo, Sales (1986) pontua que a sexualidade é da maior complexidade e está inclusa no mundo sociocultural que vem sofrendo modificações através dos tempos. Os preconceitos e mitos sobre a sexualidade são fatos históricos e que por muitos anos procurou-se não falar sobre o assunto, aumentando e agravando ainda mais os mitos e enraizando outros já existentes.

O tema passou a ser abordado nas escolas somente a partir de meados dos anos 80, devido à preocupação com o grande crescimento da gravidez indesejada na adolescência e com o risco de contaminação pelo vírus da Aids (MEC, 2001).

Considerando-se o desenvolvimento cultural, é de admirar-se que os mitos continuem imperando e intervindo na qualidade de vida sexual do homem. A influência da cultura é tão marcante que Pernetta (1983) citado por Cardoso (2005) registra que a personalidade mergulha suas raízes no ambiente cultural em escala consideravelmente maior que na estrutura cromossômica, atribuindo à educação uma força maior que a da própria natureza humana.

Segundo Lopes e Fuertes (1992), os tabus e credences sexuais são idéias com forte conteúdo emocional, que querem impor-se como verdades e têm como finalidade expressar o modo de pensar de toda uma sociedade, interferindo na sexualidade com informações distorcidas da realidade, sem valor científico. Segundo Cardoso (2005, p. 21),

a repressão e os tabus sexuais, o falso moralismo, em confronto com valores e comportamento liberais contribui para a frustração e desajustes sexuais. As informações chegam até nossos lares pelos meios de comunicação, porém não mudam crenças e atitudes fortemente arraigadas, desta forma os mitos prevalecem e interferem na adequação sexual do homem.

Embora a mulher tenha conquistado e vem conquistando “espaços” na sociedade que nunca havia ocupado anteriormente, e assim impondo seu respeito perante os homens, ainda persiste certo conservadorismo em relação à sexualidade, mantendo vivos os mitos e tabus e interferindo na expressão de sua sexualidade. O diálogo sobre erotismo, desejo, satisfação e fantasias sexuais é deixado para um momento mais oportuno, impedindo que sejam relatados preconceitos morais e religiosos. Isso acaba criando moralismos para homens e para mulheres, onde estas são submissas aos homens e deixam de viver o prazer nas relações conjugais (BRUNS; ALMEIDA, 2004).

Observa-se a importância do exercício saudável da sexualidade humana e da responsabilidade dos atos e atitudes, destacando que os assuntos ligados à sexualidade, rodeados de mitos e tabus, devem ser desmistificados.

4 ORIENTAÇÃO SEXUAL

Segundo Tiba (1994), a sexualidade durante muito tempo foi ignorada pelas escolas e pela sociedade. Professores tratavam seus alunos como seres assexuados. Como no Brasil o ensino era fortemente influenciado pela Igreja Católica, no decorrer de muitos anos as escolas foram separadas para meninos e para meninas, reprimindo e sonegando informações sobre a sexualidade.

Conforme afirma Lazzarotto (2004), os adolescentes possuem um desejo natural de conhecer a vida e o que ela tem para oferecer, buscando novas experiências, mas, na maioria das vezes, eles são pouco informados sobre reprodução e sexualidade. De acordo com Tiba (1994), como o assunto sexualidade fugiu do controle dos pais e da escola, estes foram forçados a tratar do assunto, bem como as escolas passaram a abordar temas e assuntos sobre sexualidade.

A sexualidade aguça a vontade do adolescente receber informações que esclareçam suas dúvidas sobre o assunto. Essas informações são muito úteis na educação, pois auxiliam na construção da vida, da confiança e auto-estima. Entretanto, a escola não deve assumir o papel dos pais, e sim complementar à função da família, tornando possível a discussão de diferentes pontos de vista, já que os pais transmitem para seus filhos seus valores (LAZZAROTTO, 2004).

O adolescente, segundo Ribeiro (1996), precisa ser ouvido e auxiliado em suas dúvidas sobre sexualidade, tentando esclarecer essas dúvidas de forma clara e utilizando uma linguagem adequada. Para Cardoso e Bianco (2004), a orientação sexual deve fornecer informações que esclareçam tabus, crenças e valores a respeito de comportamentos sexuais e relacionamentos, permitindo conhecer a sexualidade por completo.

A orientação sexual nas escolas vem sendo permitida devido ao crescente aumento no número de adolescentes grávidas e o aparecimento da Aids, fazendo com que poucas pessoas sejam contrárias ao ensino da educação sexual. Assim, as escolas passaram a tratar deste tema, não somente mostrando diferenças genitais entre homens e mulheres, vantagens e desvantagens dos métodos anticoncepcionais, mas ressaltando o prazer (RIBEIRO, 1996).

Ainda com relação à definição, Jesus (1999, p. 456) complementa que, no meio pedagógico, a orientação sexual é considerada um processo educativo em que os conhecimentos e experiências sobre as questões sexuais são transmitidos às pessoas de modo intencional e formal. Se contínua e duradoura, a orientação sexual poderá constituir-se parte da educação sexual. Independente do termo usado, educação ou orientação sexual, a ação poderá ser a mesma, caso a postura do educador e seus objetivos sejam os mesmos, ou seja, se a pessoa for vista como sujeito, livre para pensar, sentir e agir frente aos novos conhecimentos, durante as ações educativas.

Segundo Tiba (1994), para surtir efeitos positivos ao abordar a sexualidade, é fundamental o conhecimento sobre o assunto, pois assim o jovem esclarece suas dúvidas. Mas, como os professores ainda se sentem tensos em tratar assuntos relacionados ao sexo, transmitem muitos dados de forma científica, tornando o diálogo truncado, necessitando uniformizar a linguagem entre os professores e os alunos. Neste sentido, o MEC (2001, p. 122)

propõe que a orientação sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Assim, a educação sexual, segundo o entendimento de Cavalcanti (1993, p. 168), consiste num “processo de socialização em que as pessoas transmitem a cultura sexual às novas gerações com o objetivo de integrá-las ao contexto cultural de seu grupo...”. Enfim, educação sexual diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente sócio-cultural que permite a incorporação de símbolos e ideologias.

A orientação sexual, segundo Vitiello (1997, p. 95), “implica um mecanismo mais elaborado segundo o qual, baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos, o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos”. O mesmo termo é definido por Suplicy *et al.* (1998, p. 8) como um processo formal e sistemático “que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade.”

Concordando com essa opinião, Pessini (1997, p. 67) considera que hoje, mais do que nunca, o jovem precisa estar informado sobre sua sexualidade e sobre as formas de lidar com seus problemas correlatos, como as DSTs/Aids. Ressalta que “é preciso mais do que conhecer tais doenças, seu desenvolvimento, perspectivas terapêuticas, mas fundamentalmente, preveni-las”.

Quanto à educação/orientação sexual sob a ótica dos princípios da família, para Jesus (1999, p. 462), os pais descrevem que seus predecessores “utilizavam o silêncio absoluto, tinham atitudes repressivas, de proibições, provocando sentimentos de culpa, insegurança e vergonha frente às questões sexuais”. As marcas de uma educação/orientação sexual repressora se refletem na omissão de muitos pais e, conseqüentemente, na desinformação de seus filhos. Deste modo, Jesus (1999, p. 463) argumenta que “a preocupação central dos pais parece ser a iniciação sexual prematura de seus filhos e suas conseqüências”.

Uma vez que o aumento da incidência das DSTs/Aids entre os adolescentes é uma realidade da sociedade atual, considera-se fundamental que os pais reflitam sobre seus conceitos e reformulem suas ações educativas. Esse processo requer a transposição de tabus e preconceitos, em favor da promoção do esclarecimento de seus filhos. Jesus (1999, considera necessário que os

pais tomem a iniciativa de promover a abertura de diálogo com seus filhos, criando um ambiente natural, no qual as antigas mensagens amedrontadoras e proibitivas dão lugar a informações verdadeiras que enfatizam a importância dos métodos de prevenção das DSTs/Aids.

Com relação à educação/orientação sexual sob o enfoque da escola, observa-se a dificuldade encontrada pelos pais no que concerne à discussão com seus filhos sobre a sexualidade. Deste modo, a escola assumiu parte dessa responsabilidade. Segundo Jesus (1999, p.456), a escola representa “um espaço social significativo para onde o adolescente pode levar suas experiências de vida, suas curiosidades, fantasias, dúvidas e inquietações sobre a sexualidade”.

Para o autor, enquanto espaço formal, a escola é um lugar para o fornecimento do conhecimento sobre a sexualidade. Portanto, cabe a escola o papel de complementar as orientações que os adolescentes receberam ou deveriam ter recebido dos pais, fornecendo explicações mais completas e aprofundadas, bem como corrigindo possíveis distorções.

A dificuldade encontrada por muitos professores ao tratar da temática faz com que eles se restrinjam à transmissão de dados superficiais, ao invés de promoverem uma discussão, na qual as reais dúvidas poderiam ser sanadas. Nesta perspectiva, a promoção e a difusão de discussões constituem um método eficaz para o desenvolvimento da temática no âmbito escolar, pois, além de apresentarem caráter esclarecedor, contribuem para atenuar as crenças equivocadas nessa área. Entretanto, para assegurar a eficácia dessa ação, é preciso que os próprios professores reflitam, previamente, sobre seus valores e preconceitos, evitando que esses sejam transmitidos aos alunos (JESUS, 1999).

Brasil (1998, p. 299) descreve que “o trabalho realizado pela escola [...] não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa”. O professor, ao trabalhar as questões relativas à sexualidade, deve explorar as informações que os adolescentes possuem sobre o assunto, promover discussões para aquisição de novas informações e esclarecimentos de dúvidas e, a partir disso, permitir que cada aluno transforme e reconstrua o próprio conhecimento, segundo seus valores.

Dessa forma, a educação/orientação sexual não pretende normatizar comportamentos e atitudes, mas proporcionar informação e esclarecimento ao adolescente, para que ele opte por conta própria pelo melhor caminho, isto é, opte pelas práticas preventivas (LOPES apud SOARES, 2002). Observa-se a busca dos adolescentes na escola por uma educação que propicie informação, discussão e solução para seus problemas. Os autores consideram que esta instituição, além de desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes, pode promover mudanças comportamentais. Assim, considera-se que o interesse dos adolescentes pelos assuntos ligados à sexualidade deve ser aproveitado.

Estudo realizado por Formigli, Costa e Porto (2000, p. 839), constatou que a maior busca aos serviços de saúde deve-se ao elevado desconhecimento dos adolescentes sobre o assunto. Segundo os autores, estas constatações “podem estar revelando a pequena familiaridade dos

adolescentes com as ações de caráter coletivo, preventivo e educativo, ou ainda a insuficiência de oferta e divulgação desses serviços”.

As mudanças de comportamento sexual são possíveis apenas quando ocorrem também mudanças de postura sobre as questões relativas às DSTs/Aids. Na opinião de Jesus (1999, p. 466), essa metodologia acontece “[...] em longo prazo e, muitas vezes, de modo imperceptível e imensurável”, sendo fundamentado em reflexões que permitem “compreender o para que e o porquê de estar vivendo daquela maneira e não de outra”.

Hoyos; Sierra e San Martin (1997, p. 354) afirmam que, “[...] entre as fontes de informação interpessoais, os professores são os que têm maior relação com o grau de conhecimentos dos adolescentes”. Segundo eles, essa afinidade é fortalecida pela certeza dos adolescentes quanto ao conhecimento recebido.

É dever da escola, na opinião da Unesco (2002, p. 43), “[...] contribuir para que a saúde seja compreendida como um direito de todos e dimensão essencial do desenvolvimento humano”. Nesse sentido, a proposta dos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1998, p. 293) é baseada em “ações educativas continuadas, que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais”, e o método eficiente para a abordagem do tema.

A Unesco (2002, p. 73) descreve que os jovens necessitam ter noção sobre sua sexualidade, sobre os “[...] comportamentos voltados para a prática do sexo sem risco para si ou mesmo para o outro”. Afirma ainda que, “[...] uma comunidade promove comportamentos sexuais saudáveis difundindo conhecimentos, bem como, facilitando o acesso a recursos de prevenção, como a camisinha”.

5 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa exploratória é caracterizada pela busca de uma aproximação com o tema, abordando tópicos disponíveis sobre o assunto. Para Santos (2000, p. 26), a pesquisa exploratória é a “[...] primeira aproximação que se tem entre o tema e, através dele, busca-se a familiaridade deste pelos métodos disponíveis pelo pesquisador, o estágio das informações que se encontram disponíveis sobre o assunto”.

Também, no presente estudo, foi utilizada a pesquisa descritiva. Esta, segundo Santos (2000), é feita após a pesquisa exploratória para descrever um fato de fenômeno, pois faz um levantamento das características conhecidas. Na opinião de Gil (1999), o principal objetivo é descrever as características de uma população ao fenômeno.

A população do estudo foi composta de 28 acadêmicos que freqüentam a 2ª série do Curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública, de forma que assim pudesse verificar se existe ou não tabus e preconceitos em alunos do Ensino Superior. O tipo de amostra utilizado foi

a não-probabilística. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semi-estruturado.

O método de análise no presente estudo foi na abordagem quantitativa-qualitativa. O método da análise em pesquisa científica pode ser definido como técnicas e caminhos percorridos por uma pesquisa (OLIVEIRA, 2000).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na seqüência, apresentam-se, na Tabela 1, os resultados da análise do perfil dos alunos pesquisados:

TABELA 1 - Perfil, hábitos e comportamento dos alunos pesquisados

| Variável | Descrição | Frequência Relativa |
|-------------------------------------|--------------|---------------------|
| Faixa etária | 18 a 20 anos | 75% |
| | 21 a 26 anos | 25% |
| Sexo | Feminino | 71,4% |
| | Masculino | 28,6% |
| Estado civil | Solteiro | 96,4% |
| | Casado | 3,6% |
| Vive com os pais | Sim | 28,6% |
| | Não | 71,4% |
| Religião | Nenhuma | 3,6% |
| | Católica | 78,6% |
| | Evangélica | 7,1% |
| | Ateu | 7,1% |
| | Anti-Cristo | 3,6% |
| Idade do início da atividade sexual | 12 a 15 anos | 14,3% |
| | 16 a 20 anos | 50% |
| | NC | 14,3% |
| | NI | 21,4% |

NI = Não Informou

Fonte: dados da pesquisa (2006).

Com relação à **faixa etária**, os resultados evidenciaram que 75% dos alunos pesquisados têm idade entre 18 e 20 anos e 25% entre 21 e 26 anos. O predomínio de pesquisados que têm de 18 a 20 anos indica que a maioria conseguiu ingressar em uma universidade um ano ou dois após ter concluído o ensino médio. Embora alguns autores, em geral, relatem que a adolescência não compreenda uma faixa etária precisa, 75% dos alunos entrevistados estão dentro da faixa etária de 18 a 20 anos que, segundo Bouer (2006), é a faixa etária que compreende a última fase da adolescência. Esse período, segundo o Ministério da Saúde (1992) citado por Cardoso (2005), consiste num intervalo da adolescência onde o jovem tende a adotar atitudes e valores para sua vida futura. Pode-se afirmar, com isso, que a pesquisa foi realmente realizada com adolescentes.

Quanto ao **sexo** dos alunos pesquisados, verificou-se que a grande maioria (71,4%) é do sexo feminino e apenas 28,6% pertencem ao sexo masculino. Os resultados evidenciam que, cada vez mais, as mulheres estão presentes de forma significativa nas universidades, o que reforça a idéia de que as mulheres estão conquistando seu espaço na sociedade.

O **estado civil** dos pesquisados evidenciou o predomínio de universitários solteiros, representando 96,6% dos pesquisados, enquanto que apenas 3,6% deles são casados. Os jovens de hoje pouco se interessam por casamento na faixa etária de 18 a 23 anos. Geralmente, preferem aproveitar sua juventude, namorando ou ficando com outras pessoas, sem compromisso. O casamento passou a ser um plano para apenas depois de concluir o ensino superior, para que assim já possa construir uma vida conjugal sólida, ou ainda preferem morar com seus parceiros por um tempo para se certificarem de que é realmente isso que querem para suas vidas.

Quanto à **ocupação**, constatou-se que todos (100%) os estudantes pesquisados não trabalham. Este resultado confirma que ingressar em uma universidade exige muito esforço e dedicação, de forma que trabalhar neste período pode atrapalhar o bom andamento dos estudos e até comprometer a conclusão do curso superior. Por isso, muitos jovens optam por não trabalhar neste período, sendo auxiliados e sustentados por seus pais até que concluem seu curso e possam, assim, conseguir se encaixar melhor no mercado de trabalho com uma boa qualificação. Quando os filhos querem trabalhar, afirma Tiba (1986), é porque almejam seu próprio dinheiro para passar a fazer coisas que não poderiam fazer com o dinheiro de seus pais. Para solucionar esta perda do controle de seus filhos, muitos pais estipulam mesadas para que os filhos não precisem trabalhar para terem seu próprio dinheiro, pois isso, possivelmente, prejudicaria seu bom rendimento na escola ou universidade.

É comum encontrar jovens de 18 a 23 anos que somente estudam e recebem mesadas de seus pais para poderem estudar, revelando na sociedade uma profissão bastante exigente por parte dos pais destes jovens a chamada profissão de estudante. Neste sentido, a grande maioria dos pais considera o diploma universitário muito importante, se preocupando com o bom rendimento de seu filho na escola ou universidade, exigindo deste muita dedicação e esforço nos estudos.

Os alunos pesquisados relataram que apenas 28,6% *vivem* com pais e 71,4% deles não moram com pais. Com o despertar da puberdade, muitos jovens almejam sua autonomia, sua independência com relação aos seus pais e dinheiro. Muitos destes jovens ingressam no mercado de trabalho para conquistar, pelo menos em parte, a independência que tanto desejam, outros saem de casa para trabalhar e/ou estudar. Com a conclusão do ensino médio e o ingresso em uma universidade, é comum o jovem sentir maior necessidade de sair de casa, muitas vezes pelo fato de não ter uma universidade na cidade onde mora ou por não oferecer o curso de seu interesse, ou até mesmo pelo fato de que os grandes centros oferecem um mercado de trabalho mais amplo e variado.

Portanto, é muito comum que jovens e adolescentes saiam de casa neste período de suas vidas. E, como durante a adolescência a forma de encarar a vida é muito diferente dos princípios

que seus pais adotam, é quase que impossível a convivência harmônica entre eles, concluindo que sua saída de casa é a melhor solução para seus problemas.

Os resultados evidenciaram que, quanto à **religião**, a grande maioria (78,6%) é católica, enquanto que 7,1% são evangélicos, 7,1% são ateus, 3,6% declararam ser anti-cristo e outros 3,6% relataram não ter religião. A religião é um fator ainda limitante da orientação sexual nas escolas e até mesmo em casa, principalmente em religiões mais rigorosas, pois estas tratam as relações sexuais como um pecado, ignorando a questão da sexualidade, deixando os jovens enraizarem muitas crenças, tabus e preconceitos, reforçando conceitos errados sobre o assunto.

Trabalhar a orientação sexual em uma escola religiosa pode causar muito espanto e até incomodar alguns pais de alunos. “É preciso ter cuidado para não ser mal interpretado”, relata Egypto (2003, p. 53). O autor acrescenta ainda que os pais podem se sentir incomodados por se tratar de um assunto que estava mantido em silêncio, pois as aulas podem contrariar alguns princípios morais e religiosos desta família, como por exemplo, para falar sobre métodos contraceptivos em um colégio católico deve ser levado apenas em conta métodos naturais de contracepção, pois somente estes são permitidos pela igreja.

Com relação ao **início da atividade sexual**, os resultados apontam que 50% iniciaram suas atividades entre os 16 e 20 anos, 14,3% iniciaram entre os 12 e 15 anos, outros 14,3% declararam ainda não terem iniciado a atividade sexual e 21,4% não informaram a idade de iniciação sexual. Assim como a puberdade, o início da atividade sexual não tem idade definida para ser iniciada, pois a pessoa deve estar biológica e psicologicamente pronta para que possa estar certa de que é realmente a hora de iniciar sua vida sexual ativa. Se um destes pré-requisitos for ignorado, esta experiência prazerosa pode se tornar traumática ou frustrante.

Desde criança já temos um instinto de reprodução, comenta Bouer (2006, p.20), mas nesta fase tudo não passa de brincadeira. É na puberdade que começa o despertar para a sexualidade. A respeito da iniciação sexual, “[...] cada um tem seu próprio ritmo, que deve ser respeitado. Não adianta se jogar numa experiência se você ainda não está preparado para ela [...]. Algumas pessoas fazem questão de que a primeira vez role em um namoro”.

Segundo o autor, outros adolescentes também entendem que é importante o ambiente para que o casal possa curtir. Destaca que é difícil afixar a idade ideal para o início da primeira relação sexual. “Alguns jovens com 13, 14 anos acham que já estão preparados para iniciar sua vida sexual. Outras pessoas fazem questão de esperar mais. Nenhuma opção é melhor ou pior do que a outra. Só você vai saber quando chegou a sua hora” (p. 20). Visto que os alunos pesquisados era a maioria do sexo feminino, a faixa etária compreendida de iniciação da atividade sexual neste trabalho, concorda com a afirmativa feita por Bouer (2006).

Segundo o estudo realizado por Carret *et al.* (2004), a idade de iniciação sexual está compreendida em torno dos 14 anos para os meninos e em torno dos 15 anos para as meninas, embora muitas pessoas possam ter iniciado suas atividades sexuais mais tarde, em vista de a amostra estudada ser de uma faixa etária mais alta.

TABELA 2 - Distribuição do uso e tipo de métodos contraceptivos

| <i>Variável</i> | <i>Descrição</i> | <i>Frequência Absoluta</i> | <i>Frequência Relativa</i> |
|-------------------------------|-------------------|----------------------------|----------------------------|
| <i>Métodos contraceptivos</i> | <i>Usa</i> | 16 | 57,1% |
| | <i>Não Usa</i> | 10 | 35,7% |
| | <i>NI</i> | 2 | 7,2% |
| <i>Método utilizado</i> | <i>Camisinha</i> | 8 | 50% |
| | <i>Pílula</i> | 6 | 37,5% |
| | <i>Injetável</i> | 1 | 6,25% |
| | <i>Vasectomia</i> | 1 | 6,25% |

NI = Não Informou

Fonte: dados da pesquisa (2006).

Quanto ao **uso de métodos contraceptivos**, 57,1% dos pesquisados revelaram que usam algum tipo de método contraceptivo, 35,7% revelaram que não usam e 7,2% não informaram. Foi possível observar pelos resultados obtidos que, embora os alunos pesquisados estejam cursando o segundo ano de Ciências Biológicas, uma grande parcela não utiliza nenhum tipo de método contraceptivo, reforçando a idéia de que mesmo possuindo informações a respeito do uso de preservativos, muitos deles ainda não usam.

Pesquisas realizadas por Taquette, Vilhena e Paula (2004) apontaram que as campanhas de incentivo ao uso de preservativos em todas as relações sexuais devem ser intensificadas, pois no Brasil o preservativo é muito pouco utilizado, principalmente pelos jovens, embora tenha tido um aumento considerável nos últimos anos. Os autores acrescentam ainda que os adolescentes sabem que devem usar preservativos para evitar a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis, mas não usam mesmo assim, gerando uma enorme lacuna entre o uso de camisinha e o nível de conhecimento / conscientização.

Sobre as doenças sexualmente transmissíveis, Suplicy (1998) aponta que são infecções transmitidas de uma pessoa para outra através do ato sexual, sendo causadas por microrganismos que vivem na mucosa do corpo humano, como boca, órgãos sexuais e o reto. A autora revela ainda que para se prevenir destas doenças existem alguns cuidados básicos que podem ser tomados, como por exemplo, o uso da camisinha. Além de doenças sexualmente transmissíveis, há outro problema em ter relações sexuais sem o uso de preservativos: a gravidez indesejada. Esta não é uma doença, mas é um acontecimento que pode mudar completamente a vida de um jovem. Para que a pessoa possa manter relações sexuais sem engravidar, ela necessita tomar alguns cuidados. Segundo a autora, os principais métodos contraceptivos são a camisinha e a pílula.

A camisinha, também conhecida como camisa-de-vênus, é um invólucro de borracha fina que evita que os espermatozoides tenham acesso ao útero e encontrem o óvulo. A camisinha traz segurança quase que total na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e para evitar uma gravidez indesejada. É de fácil acesso, sendo vendida em farmácias, mercados ou até mesmo distribuída nos centros de saúde pública.

A pílula é um comprimido feito à base de hormônios não-naturais, administrado oralmente. Também é um dos métodos mais eficazes de anticoncepção. Evita a gravidez porque impede a liberação do óvulo pelo ovário e engrossa o muco vaginal, dificultando a passagem dos espermatozoides pela vagina. Já os métodos contraceptivos injetáveis são menos utilizados e pouco recomendados para adolescentes devido à alta taxa hormonal que contêm, podendo causar câncer de mama. Tanto a pílula quanto os métodos injetáveis não previnem as DSTs/Aids. A vasectomia é um método cirúrgico, não sendo recomendado para adolescentes por ser um método definitivo. A vasectomia consiste numa cirurgia feita para interromper a passagem do espermatozoide, realizando um corte no canal deferente.

Embora diversos métodos sejam eficazes para a prevenção da gravidez, os métodos mais recomendados e mais usados pelos adolescentes são a camisinha e a pílula, pois além de muito eficazes, não são definitivos e são de fácil acesso. Destes dois métodos, a camisinha tem a vantagem de prevenir não somente a gravidez, mas também evitar o contágio com doenças sexualmente transmissíveis. De modo geral, os métodos contraceptivos, segundo Cardoso (2004), são pouco utilizados pelos adolescentes. Mas, dentre os métodos existentes e eficazes, a camisinha é a mais aceita e mais indicada para os adolescentes, devido a seu fácil acesso, embora muitas vezes não seja utilizada de forma correta.

O uso de preservativo masculino, na opinião de Feliciano (2005), é importante para diminuir a transmissão de DSTs/Aids, porém esta ainda depende de uma decisão por parte do homem, pois, geralmente, é ele que possui várias parceiras. O autor conclui que muitos adolescentes não usam a camisinha com frequência devido ao fato de manterem um relacionamento fixo, pois conhecem as condições de saúde e confiam no parceiro.

Apresenta-se na seqüência a análise qualitativa das questões do estudo. Para melhor compreensão, as falas semelhantes foram agrupadas.

Na questão sobre o entendimento da **sexualidade**, observou-se que, para cinco acadêmicos, **a sexualidade está relacionada ao ato sexual do indivíduo**. Ao se falar sobre sexualidade é comum vir à mente o ato sexual propriamente dito, embora não seja somente isso. A sexualidade é muito difícil de ser definida, revelam Lopez e Fuertes (1992), pois ela serve de mediação a todo o nosso ser, não podendo ser definida tomando como ponto de partida um único ponto de vista, já que a sexualidade é resultado de múltiplas abordagens feitas por várias ciências. Os autores ainda pontuam que, como somos seres sexuados, o ato sexual é uma das finalidades da sexualidade.

O relato do conceito de sexualidade para 11 acadêmicos foi de que **a sexualidade é uma particularidade de cada pessoa. O que cada pessoa pensa a respeito do seu corpo, seus desejos e vontades**. Devido a sua definição ser abrangente, pode-se considerar sexualidade tudo que envolva o lado sexual do indivíduo, desde seus desejos e fantasias. Para Chipkevitch (1995), a sexualidade se expressa dependentemente de como o homem e a mulher se comportam socialmente, não se restringindo ao comportamento sexual, mas

englobando também o desejo. Subjacente ao comportamento sexual, Lopez e Fuertes (1992) concluem que encontram-se as fantasias, sentimentos e desejos, elementos essenciais da psicologia sexual.

Segundo dois acadêmicos, **a sexualidade é um estudo das relações que acontecem entre homens e mulheres.** A sexualidade exige, para ser compreendida, a análise de várias questões, pois é muito complexa. Para os adolescentes, o relacionamento com as outras pessoas de forma sexual é uma experiência nova, rodeada de questionamentos a respeito do que está acontecendo com seus sentimentos e desejos. A sociedade tenta impor regras sobre os papéis sexuais do homem e da mulher construídas pelos gêneros, fazendo com que, principalmente as mulheres acabem por viver rodeadas de tabus e preconceitos por seguirem padrões impostos como o mais correto. Já o homem, para ser considerado viril, precisa ter muitas relações sexuais, ao contrário das mulheres que devem voltar sua sexualidade sem prazer, somente para a reprodução, relatam Faria e Nobre (2003).

Um dos acadêmicos respondeu que **a sexualidade é um contexto pelo qual pessoas obtêm prazer realizando coisas que as satisfazem como andar de bicicleta, praticar esportes, utilizar seu sexo para usufruir de roupas, ou seja, coisas que as satisfazem.** A sexualidade é uma realidade muito complexa e delicada de ser abordada em definição. Ela engloba desejos, afetos e paixão, embora outros afetos não relacionados diretamente à atividade sexual, como alegria, tristeza, raiva e satisfação pessoal, também possam ser inclusos no prazer sexual, descrevem Lopez e Fuertes (1992).

Outro acadêmico respondeu que **a sexualidade é a opção sexual que cada um escolhe como homossexual, heterossexual, etc.** A sexualidade não é, necessariamente, uma opção sexual, mas um conjunto de comportamentos, ações e princípios de como a pessoa irá se relacionar com o outro, de forma sexuada e envolvendo sentimentos dos mais variados, comportamentos estes que irão definir sua sexualidade para si mesmo e para a sociedade. A sexualidade inclui os diversos papéis sexuais que cada indivíduo escolhe para assumir em sua vida. Assim, a homossexualidade é a forma como a pessoa se identifica sexualmente, afirma Cardoso (2005).

Com relação à questão sobre o **entendimento da sexualidade**, oito acadêmicos não souberam responder. Considerando que a sexualidade engloba tudo sobre a intimidade das pessoas, seu relacionamento com as outras pessoas, desejos e relações sexuais, é uma tarefa muito difícil defini-la. A sexualidade é um conjunto de características físicas, fisiológicas e psicológicas, que envolve o ser humano e engloba desde a reprodução até desejos, atrações e fantasias sexuais, alimentando o instinto sexual e exaltando a vida. Trindade (2003) afirma que a sexualidade não se limita somente à genitalidade e à reprodução, mas relaciona-se também aos sentidos, à capacidade de fantasiar e imaginar. Afirma ainda que, principalmente na adolescência, período em que ocorrem as maiores crises existências, é comum que estes adolescentes se sintam perdidos em sua sexualidade. Na opinião de Lopez e Fuertes (1992), a sexualidade serve de mediação a todo ser

sexuado e desperta o desejo de saber melhor o que ela engloba, contudo é muito difícil defini-la, pois aguça desejos inimagináveis e engloba vários fatores biopsicológicos.

Na questão relativa à diferença entre sexo e sexualidade, dois acadêmicos não **souberam responder o que é sexo e sexualidade**. Observou-se a falta de entendimento conceitual sobre o assunto. A sexualidade engloba fatores biológicos, psicológicos e sociais. A tarefa de adotar uma definição que a diferencie do termo sexo é difícil e, muitas vezes, embaraçoso. Muitos autores definem sexo como sendo a distinção anatômica entre machos e fêmeas nos seres sexuados, outros definem o mesmo termo como sendo o ato sexual por si próprio, ou seja, como sendo o coito literalmente. Por isso, é muito comum que seja difícil a tarefa de diferenciar o que é sexo de sexualidade e até mesmo definir o que realmente quer dizer o termo sexo (CARDOSO, 2005; SUPLICY, 1998; TIBA, 2005).

A respeito do conceito de sexo, 16 acadêmicos descreveram **que é a distinção anatômica entre homem e mulher ou macho e fêmea**. Anatomicamente somos divididos em dois sexos, homem e mulher, classificados assim segundo características distintas. Para Boechat e Castro (2000) citados por Cardoso (2005), a definição de sexo é referente à divisão da humanidade em homens e mulheres segundo critérios anatômicos.

No entender de sete acadêmicos, sexo significa **o ato sexual entre duas pessoas envolvendo prazer**. Devido à alta abrangência de definições dadas por autores, o termo sexo também pode ser utilizado para se referir ao ato sexual. Tiba (2005) relata que o sexo está voltado para o prazer, embora as mulheres associem o sexo também com o afeto e o amor.

Na opinião de três acadêmicos, **o termo sexo pode ser usado tanto para designar o ato sexual em si ou considerando a distinção anatômica de cada indivíduo**. Como tudo que possui alta abrangência, definir a diferença entre sexo e sexualidade é dificultoso para quem tenta o fazer, gerando até mesmo certa ambigüidade e fazendo, muitas vezes, os autores serem paradoxais em seus conceitos. Neste sentido, o sexo, ao ser conceituado pode assumir várias definições. Segundo Cardoso (2005 p 46), ao falarmos de sexo “estamos nos referindo ao fato de sermos homens ou mulheres, geralmente nos referimos ao ato sexual. O sexo é uma das formas mais profundas de contato entre duas pessoas”. Refere a autora que é pelo fato de ter maior intimidade e mostrar o amor que se sente por outro.

Quanto aos tabus e preconceitos, os resultados das falas dos sujeitos são apresentados na seqüência: Ao indagar sobre a influência do tamanho do pênis no prazer, três estudantes responderam que há influência, enquanto que 25 pesquisados relataram que o tamanho não tem influencia no prazer. Cardoso (2005) relata que muitas pessoas acreditam que o tamanho do pênis influencia no prazer, causando uma supervalorização do pênis, criando um mito de que quanto maior o pênis maior o erotismo e maior prazer são proporcionados às mulheres.

Suplicy (1998) acrescenta que muitos homens se preocupam com o tamanho do pênis sem razão, pois o tamanho do órgão sexual masculino não influencia em nada o desempenho sexual deles, não havendo nada a se fazer para adular o tamanho do pênis.

Contudo para Guyton e Hall (1997), o sucesso do ato sexual feminino requer uma estimulação psíquica e sexual local, onde o estímulo local nas mulheres ocorre pela massagem na região da vulva e clitóris, pois nestes locais são muito sensíveis a estímulos sexuais, bem como na região logo abaixo dos pequenos lábios que possui glândulas responsáveis pela lubrificação durante o ato sexual, muito importante para ocorrer o estímulo ótimo para evocar os reflexos apropriados que culminam no clímax masculino e feminino.

Quanto ao **tabu e/ou preconceito** de que a masturbação pode causar problemas físicos e/ou psicológicos, apenas dois pesquisados responderam sim, enquanto que a maioria (26 alunos) declarou que não causa problemas. A masturbação é uma das maneiras de se conhecer, pois é através do toque que a pessoa percebe os pontos de seu corpo que dão mais prazer. É uma prática natural que não prejudica a vida sexual a dois (BOUER, 2006).

Embora a masturbação tenha muito a seu favor, como o autoconhecimento e orgasmos fáceis e intensos, ainda há muito preconceito devido à influência cultural (HITE, 1980). Segundo Bouer (2006), aquelas histórias de que masturbação causa olheiras, faz crescer pêlos nas mãos, dá espinha, deixa a pessoa infértil, são bobagens. A pessoa só deve tomar cuidado em não ultrapassar seus limites.

No que tange à questão **se a virgindade feminina é comprovada pelo hímen**, cinco alunos afirmaram que sim e 23 responderam que não. O hímen é uma membrana localizada na entrada da vagina até ser ou não rompida, com um orifício que varia, com relação ao tipo, de mulher para mulher. Enquanto alguns tipos de hímens podem sangrar ao se romperem, em outros, isso não acontece. Mesmo através de exames médicos é difícil garantir se uma pessoa já teve ou não relações sexuais, devido aos vários tipos de hímens existentes e, ainda, ao fato de algumas mulheres não o possuírem (SUPLICY, 1998).

Quanto aos **tabus e preconceitos sobre se a mulher pode engravidar antes da primeira menstruação**, as respostas de sete pesquisados foram afirmativas, enquanto que para 21 deles a mulher não pode engravidar antes da primeira menstruação. O período fértil, ou seja, o período em que ocorre a ovulação de uma menina acontece alguns dias antes da menstruação, então, pode ser que uma menina engravide antes de sua primeira menstruação se sua ovulação já tiver ocorrido. A menstruação é o indício de que a menina já pode engravidar e que seu corpo está se preparando para uma futura gestação. A ovulação ocorre 14 dias antes do primeiro dia do ciclo menstrual, antes da menstruação, explica Bouer (2006).

Na questão **se a homossexualidade é uma doença**, três alunos pesquisados declararam que é uma doença e 25 deles não a consideraram como uma doença. A homossexualidade não é uma doença, nem pecado, nem crime, pois a forma como a pessoa se identifica sexualmente só depende da forma como ela se vê como homem ou mulher, onde os papéis sexuais assumidos são respostas da formação sexual perante a sociedade. A homossexualidade sempre existiu e envolve várias formas de afeto, afirma Cardoso (2005).

As causas da homossexualidade, para Suplicy (1998) ainda são desconhecidas. A homossexualidade não pode ser considerada uma doença, bem como o homossexual merece todo respeito e consideração como ser humano.

Na questão referente se a **mulher pode manter relações sexuais durante a menstruação**, para cinco alunos a resposta foi positiva e para 23 deles a mulher não pode manter relações quando menstruada. Por haver sangramento, uma boa parte dos homens brasileiros não gosta de fazer sexo durante a fase menstrual. Segundo Bruns (2004), não fazer sexo durante a fase menstrual devido ao fato do sangue ser impuro é um mito da sexualidade humana, embora mulheres portadoras de HIV tenham que tomar mais cuidado visto que nesta condição o contato com o sangue contaminado é maior. Em famílias religiosas, a sexualidade é menos discutida ainda entre pais e filhos. Tratam o sexo como pecado e julgam que o ato sexual só pode ser feito depois do casamento. Como os pais não dão espaço para esclarecimentos sobre a sexualidade, muitos desses adolescentes tentam descobrir sozinhos a sexualidade, podendo ser uma experiência frustrante e traumática.

Quanto ao **tabu e preconceito de que sem a penetração a mulher pode engravidar**, 16 alunos declararam que a mulher pode engravidar e 12 responderam que a mulher não pode ficar grávida se não houver a penetração. A mulher pode engravidar mesmo que não ocorra a penetração. Se o casal tem relação anal, oral ou se masturbar e homem ejacular próximo da vagina da mulher, os espermatozoides poderão penetrar pela vagina, e ela, então, será capaz de engravidar. Os tabus e preconceitos não têm idade, nem condição socioeconômica, estão em qualquer pessoa, principalmente nas que seguem mais rigidamente uma religião. Os tabus e preconceitos devem ser quebrados para que as pessoas possam compreender melhor sua própria intimidade, podendo se relacionar melhor com as outras pessoas e tendo uma vida sexual mais prazerosa e saudável.

A orientação sexual nas escolas, atualmente, está sendo abordada como tema transversal, tentando incluir termos científicos com um diálogo mais simples e claro, aberto para discussões, propiciando que os adolescentes tirem suas maiores dúvidas. Nesta perspectiva, a orientação sexual constitui uma ferramenta para excluir ou, pelo menos, minimizar os conceitos errados sobre sua sexualidade.

A sexualidade ainda é vista pela sociedade como algo pecaminoso e pouco se fala sobre o assunto. Alguns adolescentes esclarecem suas dúvidas com seus colegas, os quais, muitas vezes, sabem menos ainda sobre o assunto. A orientação sexual está passando a ser abordada, embora ainda com muito receio ou de forma muito científica, não esclarecendo tudo que o adolescente quer saber. A sociedade também é uma das alimentadoras de tabus e preconceitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é uma realidade humana complexa que envolve muitos sentimentos, desejos, fantasias e até o medo. É na adolescência que ocorre o despertar para a vida sexual, e é nessa fase de descobertas, medo, frustrações e prazer que surgem as principais questões sexuais. Contudo, por vergonha, muitas vezes essas dúvidas não são esclarecidas, ou pior, são criadas inverdades a respeito do assunto e alimentados alguns tabus e preconceitos.

A distinção de sexo e sexualidade se faz necessária para entender o que ocorre com os sentimentos e com o corpo de cada indivíduo, desde criança até a fase adulta. Assim, poderá agir em sua vida com mais naturalidade, não negando seu sexo e tudo que diz respeito a ele, por achar que é algo pecaminoso ou que deve manter relações sexuais somente para reprodução. O sexo pode ser definido como a classificação anatômica e fisiológica que distingue machos e fêmeas em seres sexuados, embora possa ser mencionado o sexo como o próprio ato sexual. Já a sexualidade envolve tudo que se relaciona ao sexo. Ao entender o significado da sexualidade, mitos, tabus e preconceitos não serão mais passados a diante, bem como dúvidas, inverdades e curiosidades serão esclarecidas.

Por isso, a orientação sexual por parte das escolas e pela família dos adolescentes deve acontecer de forma clara e natural, incentivando o autoconhecimento e estimulando o jovem a viver sem medo a fase da descoberta sexual. Desta forma, os jovens vêm à necessidade de se prevenir sexualmente através de métodos contraceptivos eficazes e próprios para sua idade.

Do ponto de vista dos acadêmicos (a grande maioria já na fase final da adolescência), foi possível observar que, mesmo estando, dúvidas sobre sexo e sexualidade, alguns tabus e preconceitos ainda existem. Tais constatações reforçam a idéia de que é crucial para um educador e para a família saber transmitir e esclarecer as questões referentes à sexualidade humana, voltando-a para a realização pessoal de desejos, sentimentos e da felicidade.

A religião e a sociedade agravam a falta de esclarecimentos sobre a questão sexual, visto que transmitem questões morais que não condizem com a realidade humana, barrando o conhecimento a fundo da sexualidade, problematizando mais ainda tabus e preconceitos, tratando o ato sexual como pecado, alertando a população para as DSTs/Aids de forma frustrante e repressora.

7. NOTAS

*Acadêmica do 4º ano do Curso de Ciências Biológicas da Unioeste – Extensão Santa Helena - PR.

**Enfermeira, Mestre, Docente do Curso de Enfermagem da Unioeste – Campus de Cascavel -PR. E-mail: liza@certto.com.br

*** Doutora, Docente de Ciência Política no Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Unioeste, Campus de Cascavel-PR, e Líder do Grupo de Pesquisa sobre Comportamento político – GPCP. E-mail: knazzari@hotmail.com.

**** Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISINOS. Doutora em Educação pela Florida State University-EUA. UNISINOS. E-mail: rbaquero@unisinos.br

8. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o trabalho com crianças e adolescentes nas áreas de educação sexual e de prevenção das DST, da AIDS e do uso indevido de drogas**. Brasília: MS, 1998.

BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade**: preconceito, tabus, mitos e curiosidades. Campinas, São Paulo: Átomo, 2004.

CARDOSO, G.M. Mitos e crenças sexuais: uma questão cultural. *In*: CARDOSO, M. G. (Org.) **Comportamento sexual**: uma questão cultural. Cascavel: Coluna do Saber, 2005.

CARDOSO, M. G.; BIANCO, A. **Adolescente**: limites e conseqüências. Cascavel: Coluna do Saber, 2004.

CAVALCANTI, R.C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 4, n. 2, p. 164-173, 1993.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimento. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.

CHIPKEVITCH, E. **Puberdade & Adolescência**: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. São Paulo: Roca, 1995.

DARONCH, M. D. **Orientação sexual**: comparação das concepções dos alunos de 1º e 3º anos do ensino médio. (Monografia do Curso de Ciências Biológicas) da Unioeste – Extensão de Santa Helena. Santa Helena: Unioeste, 2004.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. Obra em Fascículos encartados na Folha de São Paulo de outubro de 1994 a fevereiro de 1995. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Nova Fronteira, 1995.

FORMIGLI, V.L.A.; COSTA, M.C.O.; PORTO, L.A. Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 3, p. 831-841, jul./set. 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas 1999.

GOMES, R. A análise dos dados em pesquisa qualitativa. *In* : MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUYTON, A.C; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

HOYOS, R. C.; SIERRA, A. V.; SAN MARITN, A. H. *Sources of information and their relationship to the degree of knowledge of AIDS, in adolescents of Mexico*. **Revista Saúde pública, v. 31, n. 4, p. 351-359, ago. 1997**.

JESUS, M. C. P. O significado da educação sexual na relação pais/adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília (DF), v. 52, n. 3, p. 455-468, jul./set. 1999.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAZZAROTTO, E. M. Prefácio. *In*. CARDOSO, M. G. **Adolescente: limites e conseqüências**. Cascavel: Coluna do Saber, 2004.

LÓPEZ, F.; FUERTES, A. **Para entender a sexualidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

McCARY, J. L. **Mitos e crendices sexuais**. São Paulo: Manole, 1978. p. 1-2.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.

MEC. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais - pluralidade cultural: orientação sexual**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

OLIVEIRA, C. S. **Metodologia científica: planejamento e técnicas de pesquisa: uma visão holística do conhecimento humano**. São Paulo: LTr, 2000.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PANIZZA, L. **Escola em busca do ser: viver a realidade humana e divina**. 3. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

PESSINI, L. Saúde e adolescência: conflitos, conquistas e perspectivas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, ano 21, v. 21, n. 2, p. 67, mar./abr. 1997.

RICHARDSON, R. J. e cols. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIBEIRO, M. **Sexo sem mistério**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

SALES, J.M. de. Sexualidade, um direito social. *In*: VITIELLO, N. *et al.* **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca, 1986. p. 41-42.

SANTOS, A.R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOARES, E. **Metodologia científica: lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas, 2003.

SOARES, A. **Aconselhamento sexual: quando começar?** (Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas). Cascavel: Unioeste, 2002, 59 p.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1998.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. 6. ed. São Paulo: Agora, 1986.

_____. **Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações**. São Paulo: Gente, 1994.

_____. **Adolescentes: quem ama, educa!** São Paulo: Integrare, 2005.

UNESCO. **AIDS: o que pensam os jovens. Políticas e práticas educativas**. Brasília, v. 1 (série educação para a saúde), 2002.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores**. São Paulo: Iglu, 1997.